

O milagre da reprodução sexuada

Segundo a teoria da evolução, a invenção da reprodução sexuada é condição decisiva para o maior desenvolvimento dos seres vivos. Posteriormente, novas combinações de genes criam repetidamente muitas variantes, das quais, aquelas que estão melhor adaptadas ao seu ambiente, sobrevivem ao processo de seleção. No entanto, este mecanismo está descartado para a desejada tendência evolutiva ascendente no desenvolvimento tribal por duas razões:

1. A reprodução sexual não pode começar através de um processo evolutivo. Isso só seria possível se ambos os sexos tivessem órgãos completos e totalmente funcionais ao mesmo tempo. Na evolução, contudo, por definição, não existem estratégias de planejamento orientadoras e orientadas para objectivos. Como deveriam os órgãos necessários se desenvolver ao longo de milhares de gerações se os seres vivos não pudessem se reproduzir sem esses órgãos? Mas se for possível excluir o desenvolvimento lento, como poderão surgir de repente órgãos tão diferentes e complexos, que têm de ser coordenados até ao último detalhe? Eles também teriam de estar disponíveis localmente.

2. Dado o grande número de diferentes seres vivos que se reproduzem sexualmente (por exemplo, milhares de espécies de insectos e mamíferos), é necessária uma variedade correspondente de órgãos sexuais estruturados de forma diferente, que requerem informação genética muito específica. Mesmo se assumirmos que a reprodução sexuada só aconteceu uma vez por acaso, então a mistura do genoma não produziria qualquer informação fundamentalmente nova que pudesse ser usada por outras espécies. Além disso, os limites das espécies não podem ser ultrapassados. Os criadores de plantas e animais demonstraram isso através de inúmeras experiências, porque mesmo as vacas de alta raça sempre permaneceram vacas, e o trigo nunca se tornou um girassol. Como resultado, a sexualidade teria muitas vezes de ser “inventada” repetidas vezes pelo acaso. Mas isso é impossível! A chamada microevolução (mudanças dentro de uma espécie) pode ser verificada, mas não há evidências de macroevolução (mudanças através dos limites das espécies).